

Seguindo  
a lenda



# Seguindo a lenda



Amy Le Feuvre



São Paulo, SP

Copyright © 1899, Amy le Feuvre.

Título do original: Legend-led

*Todos os direitos desta edição reservados para*

EDITORAS GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP — CEP 01.311-927

[www.editoragadel.com.br](http://www.editoragadel.com.br)

1.ª edição, 2026

Proibida a reprodução por quaisquer meios,  
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Tradução e edição de texto: *Paula Jacobini*

Capa e diagramação: *Jorge A D Romero*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Le Feuvre, Amy Le, 1861-1929y

Seguindo a Lenda / Amy Le Feuvre; [tradução Paula Jacobini]. – 1. ed. – São Paulo: Editora Gadel, 2026.

Título original: Legend-Led

ISBN 978-65-83273-08-6

1. Cristianismo – Literatura infantojuvenil

2. Moral cristã I. Título.

26-330218.0

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Cristianismo : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Cristianismo : Literatura juvenil 028.5

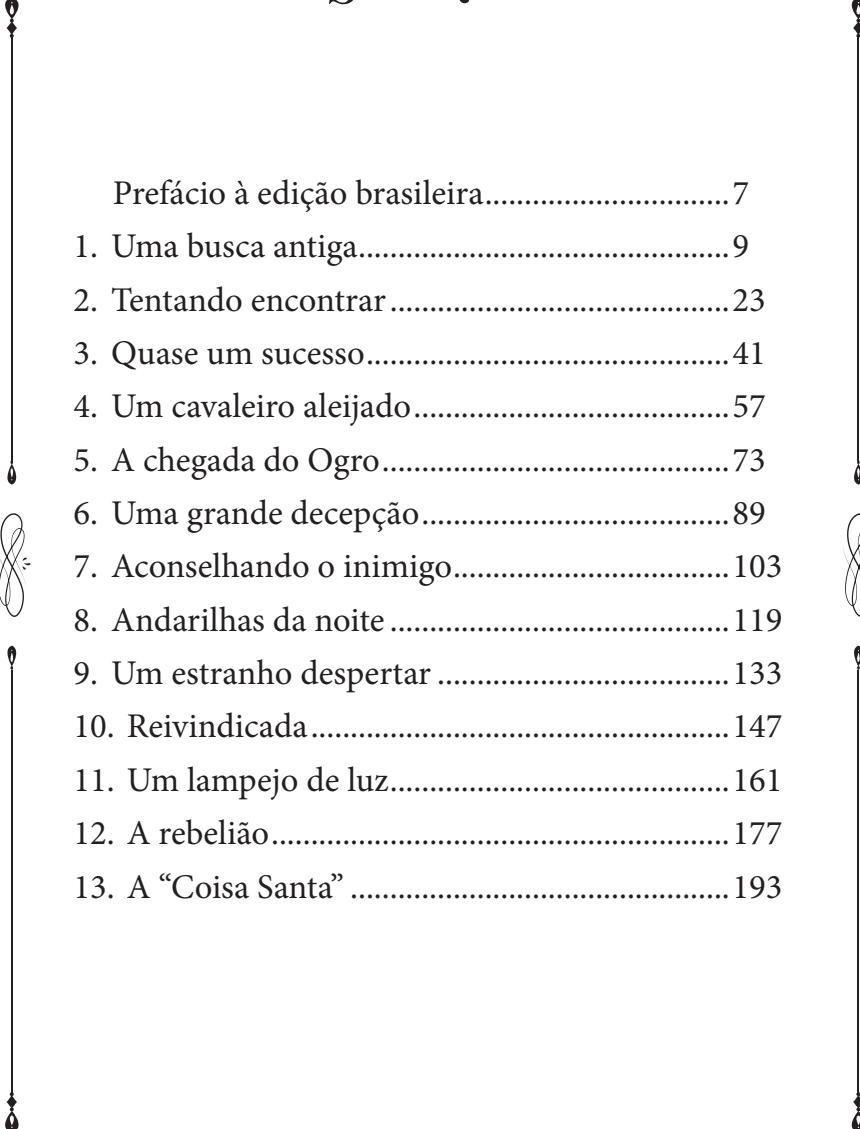
Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB 1/3129





# Sumário

Prefácio à edição brasileira.....	7
1. Uma busca antiga.....	9
2. Tentando encontrar .....	23
3. Quase um sucesso.....	41
4. Um cavaleiro aleijado.....	57
5. A chegada do Ogro.....	73
6. Uma grande decepção.....	89
7. Aconselhando o inimigo.....	103
8. Andarilhas da noite .....	119
9. Um estranho despertar .....	133
10. Reivindicada .....	147
11. Um lampejo de luz.....	161
12. A rebelião.....	177
13. A “Coisa Santa” .....	193





# Prefácio à edição brasileira

Há livros que se erguem como pontes entre mundos – entre o cotidiano e o ideal, entre o visível e o eterno. *Seguindo a lenda*, de Amy Le Feuvre, é uma dessas obras. Em sua essência, ela não é apenas uma narrativa edificante, mas um diálogo com um dos mitos mais duradouros da literatura ocidental: a lenda do Rei Arthur e de seus cavaleiros.

Le Feuvre, profundamente moldada pela tradição cristã e pelo imaginário vitoriano, empresta das lendas arthurianas não as espadas ou os feitos heroicos, mas o coração moral que as sustenta: o anseio por pureza, honra e fé em meio à fragilidade humana. A autora não reconta as aventuras de Camelot — ela as reflete, como

em um espelho doméstico, onde cada gesto simples pode conter um eco do ideal cavaleiresco.

A presença de Tennyson, especialmente de sua obra *Idílios do Rei*, é inegável. Em seus versos, o poeta laureado transformou o ciclo arthuriano em uma meditação sobre a alma e suas lutas – e é esse mesmo espírito que Amy Le Feuvre recolhe e traduz em linguagem acessível às crianças e jovens de sua época. Se Tennyson via no Rei Arthur o símbolo da busca pela santidade num mundo dividido, Le Feuvre vê nos seus pequenos protagonistas a mesma busca, travada não em campos de batalha, mas dentro do coração.

Assim, ler *Seguindo a lenda* é reencontrar o idealismo de uma era que via na literatura um instrumento de formação moral e espiritual. É também perceber como as antigas lendas, ao passarem pelas mãos de uma escritora cristã, tornam-se parábolas de fé e de graça.

Que esta tradução brasileira permita ao leitor moderno enxergar o brilho sereno dessa tradição, na qual mitos e virtudes se entrelaçam e até as histórias mais singelas apontam para o Rei verdadeiro, que reina não em Camelot, mas no coração dos redimidos.



## Uma busca antiga

Era uma tarde muito quente de julho. Numa sala da frente, com uma grande janela em sacada que dava para o mar e a praia, estavam os três pequenos Thurstons, tomando seu chá em volta de uma mesa redonda, sob a supervisão de sua tutora, Srta. Gubbins. O ar estava abafado; os rostinhos das crianças, quentes e – se me permitem dizer – pegajosos; e a Srta. Gubbins recostava-se na cadeira, abanando-se com um jornal e observando, com preguiçosa admiração, seus pupilos devorarem fatia após fatia de pão com manteiga, enquanto

esvaziavam entre si um grande prato de camarões, sem nunca cessarem de tagarelar durante a refeição.

Donald, o mais velho, era um menino vivo e bonito, que pensava e agia por conta própria, e, por causa desse espírito independente, estava quase sempre em apuros. Claud, de cabelos claros e porte robusto, tinha uma vontade tão firme quanto a de Donald, mas mostrava-se sempre disposto a ouvir conselhos; e Gypsy, como era chamada (embora seu verdadeiro nome fosse Eleanor), era uma garotinha de aparência delicada e modos suaves, com um jeito ágil como uma donzela e um ânimo tão altivo quanto o de seus dois irmãos.

— Uma turminha danada! — dizia a proprietária da pousada que os tinha como hóspedes há alguns anos.

— As pragas do pedaço! — diziam as duas senhoras recatadas da casa ao lado.

— E as crianças mais adoráveis do mundo... quando são comportadas — dizia a Sra. Gubbins.

A Sra. Gubbins levava a vida com muita tranquilidade. Vestia-se sempre de cinza, era muito míope e nutria uma paixão ardente pela poesia — paixão essa que se esforçava por incutir em seus pupilos. Não era uma mulher jovem, mas tinha uma simplicidade de

alma e de coração que a mantinha sempre próxima das crianças. Sua disciplina não era severa e, excetuando-se as três horas de estudo pela manhã, seus aluninhos eram deixados bastante à vontade. Procurava, acima de tudo, cultivar bons princípios em suas mentes, e não passava disso. Ela se sentava agora, como sempre fazia, ouvindo a conversa, mas não participando dela, a menos que fosse solicitada.

— O velho Cole disse que me emprestaria um pouco de tinta vermelha, para eu escrever em letras grandes do tamanho da vida — disse Donald, com um pouco de arrogância em seu tom.

— O que você vai escrever? — perguntou Claud, pensativo, enquanto sugava a cabeça de um camarão e a colocava na borda do prato com um suspiro, pensando que não extrairia mais nada dela.

— “Propriedade dos residentes”.

— Que palavras difíceis! — e Gypsy abriu seus olhos azuis o máximo que conseguia.

— Os invasores serão multados! — continuou Donald.

— O que significa “multar”? — perguntou Gypsy.

— Queimados em uma fogueira, cortados em pedacinhos, afogados, com braços e pernas extirpados

e olhos arrancados com forquilhas em brasa! — respondeu Claud com uma alegre certeza.

— Isso é mutilar, seu bobão!

O tom de Donald era de desprezo. Ele acrescentou:

— E se isso não for suficiente para manter os hóspedes longe do nosso canto, lutarei com cada um deles!

— Você não bateria neles. Talvez nos maiores, mas não nas “crianças de babá”, nem nas “crianças de tutoras”; e há dois grupos de “crianças de tutoras” que virão amanhã, os Stevens e os Burkes, que estiveram aqui no ano passado!

— Vou pedir ao velho Cole para me ajudar.

— E eu também vou ajudá-lo, e vou calçar minhas botas, porque assim os chutes vão doer mais!

Isso foi dito por Gypsy, cujos olhos brilhavam em antecipação ao confronto que estava por vir.

Então, a Srita. Gubbins falou:

— Do que vocês estão falando? Não me deixem ouvir falar de vocês brigando com ninguém!

— Ora, esta parte da praia é nossa: tem aquela grande rocha, o maior quebra-mar, e somos residentes daqui, não somos, Gubby? — disse Donald, entusiasmado, agitando a xícara de chá na mão como se fosse

uma clava de guerra. — E as crianças que são hóspedes não vão nos expulsar; dois meninos tentaram hoje à tarde, e vamos mostrar a eles quem somos!

— E eram só crianças de babá, também! — exclamou Claud com desprezo.

— Não entendo o que você quer dizer com “crianças de babá” — disse a Srta. Gubbins.

— Ah, Gubby, você sabe! Nós lhe explicamos outro dia; são aquelas que ficam com as babás, claro. Todas as crianças que vêm aqui pertencem a três grupos<sup>1</sup>. As “crianças de tutoras” ficam acompanhadas da tutora; são os mais animados. Alguns dos “de babá” não são ruins, mas as babás são horríveis; e há as “crianças de mãe”, que são as piores de todas! Têm modos refinados,

---

1 Em alguns textos vitorianos, especialmente os que retratam casas grandes de famílias abastadas, era comum distinguir três grupos de crianças conforme sua idade, supervisão e grau de integração social: *nursery children* (aqui traduzido como “crianças de babá”) eram crianças pequenas sob os cuidados da ama, alojadas separadamente; *schoolroom children* (aqui traduzido como “crianças de tutoras”) eram crianças em idade escolar, sob supervisão de uma governanta ou preceptora, com rotina de estudos próprios; e *mother's children* (aqui, crianças de mãe) eram as crianças já suficientemente crescidas para acompanhar a mãe nos convívios sociais. Estas distinções não são meramente nominalistas: implicam diferentes localizações físicas na casa, horários e modos de comportamento. [N.E.]

os melhores vestidos e luvas de couro, e ficam no salão social com as mulheres!

A Srta. Gubbins sorriu.

Donald continuou:

— E os residentes têm prioridade, antes dos hóspedes. A praia pertence a nós no inverno, e não vamos abrir mão do nosso cantinho de estimação no verão para qualquer mero hóspede.

— Vocês não serão mais residentes daqui por muito tempo — disse a Srta. Gubbins, levantando-se. — Só estou esperando vocês tomarem o chá para lhes contar sobre isso. Tive notícias de seu meio-irmão esta manhã.

Houve gritos com isso.

— O Ogro!

— Ele está vindo nos ver?

— O que ele disse?

A Srta. Gubbins não satisfez nenhuma curiosidade até que as coisas do chá tivessem sido retiradas, as mãos e os rostos, lavados, e um pequeno grupo arrumado se reunisse ao seu redor.

As crianças sempre ficavam curiosas quando havia alguma correspondência entre Victor Thurston e sua tutora. Ele era quase um estranho para elas. Havia ido

para o exterior quando seu pai se casou com uma jovem esposa e nunca mais viu as crianças até a morte da mãe delas, que ocorreu quando Gypsy nasceu. Depois, voltou para casa por alguns meses, pois seu pai ficou doente e seguiu sua segunda esposa para o túmulo, seis meses após sua morte. Victor fez os preparativos para que as crianças fossem levadas para a Sra. Gubbins, que era amiga da mãe deles, e ela passou a morar com eles no litoral, onde permaneceram desde então. Depois, Victor foi para o exterior novamente e, além de uma breve visita em um verão, durante a qual ele inspirou nas crianças a maior reverência, não esteve perto delas.

— Diga-nos, Gubby, logo! — implorou Claud. — Ele está vindo para cá?

— Não, mas estamos indo até ele. Agora não gritem mais, e eu lhes contarei. Um tio de vocês morreu e deixou para seu irmão uma velha casa no campo. Ele diz que é muito grande para ele viver sozinho e quer que vamos para lá imediatamente.

— O Castelo do Ogro! Hip, hip, hurra!  
Estamos indo amanhã?

— No final da próxima semana.  
— E ele está lá?